

José Régio

OBRAS COMPLETAS

JACOB E O ANJO



teatro

PORTUGÁLIA EDITORA

1.^a edição («Primeiro Volume de Teatro — *Jacob e o Anjo e Três Máscaras*, seguidas de um posfácio»): 1941

2.^a edição (*Jacob e o Anjo*): 1953

3.^a edição: 1964

Capa de

João da Câmara Leme

José Régio

OBRAS COMPLETAS



JACOB E O ANJO

*mistério em três actos,
um prólogo e um epílogo*



teatro

PORTUGALIA EDITORA

FIGURANTES

Rei
Rainha
Bobo
Duque
Sumo Sacerdote
Juiz Supremo
Generalissimo
Embaixador
Poeta Oficial
Físico
Enfermeiro
Primeiro Guarda
Segundo Guarda
Terceiro Guarda
Primeira Aia
Segunda Aia

Esta peça subiu à cena pela primeira vez em Paris, no «Studio des Champs-Élysées», na noite de 31 de Dezembro de 1952, numa adaptação de J. B. Geener feita sobre a tradução integral de André Raibaud.

Ficou só; e eis que um varão
lutava com ele até pela manhã.

(Gênesis, cap. 32, v. 24).

PRÓLOGO

A cena representa o quarto de dormir do Rei, no palácio, durante a noite. O quarto é circular. Tem uma grande porta à direita, uma grande janela à esquerda. A janela deve estar situada de modo a poder deixar entrar uma larga barra de luz branca azulada (suponha-se luar) que ilumine o leito real. Este deve estar colocado entre a janela e a porta. A altura da janela deve ser tal que um homem alto caiba de pé sobre o peitoril. A altura da porta deve estar em boa relação com a da janela. E a largura do leito deve permitir que dois homens lutem em cima dele com plena liberdade de movimentos. Assim toda a cena dará uma impressão de grandeza desproporcionada ao tamanho normal das figuras humanas.

O pano sobe o mais devagar possível. O Rei dorme sob o jorro de luz que entra pela janela aberta. Subido o pano, a cena permanecerá sem alteração durante alguns segundos. Depois há uma leve pancada na bateria duma orquestra rudimentar oculta entre bastidores. Começa um prelúdio em surdina. Aparece de pé no peitoril da janela, em silhueta, a figura do Anjo.

O Anjo veste dos pés à cabeça uma espécie de malha que lhe modela todo o corpo. Tem os braços abertos um pouco levantados, como quem se prepara para subir ou voar; e umas asas que são meio asas meio barbatanas, e propriamente nem uma nem outra cousa, lhe ligam os pulsos aos flancos. Pela posição em que aparece, o rosto mal se lhe distingue. Qualquer artifício de caracterização conseguirá que mal se lhe distinga em todo este prólogo.

De salto, o Anjo cai sobre o leito em que dorme o Rei. O Rei acorda sobressaltado, procurando soerguer-se.

REI

grita com grande terror:

— Socorro !...

A orquestra invisível abandona bruscamente o prelúdio em surdina. Um comentário melódico várias vezes recommençado, e várias vezes interrompido para só deixar ouvir os tambores e pratos marcando o ritmo, acompanha a luta que entretanto se trava entre o Anjo e o Rei, no leito. Os dois lutam primeiro de joelhos, depois de pé, ora separados, ora abraçados. De cada vez que larga o adversário, o Rei repete inutilmente o seu grito: «Socorro !...». Muitas vezes repetido e atirado com toda a força, este grito deve dar uma impressão de intenso terror: como se o Rei lutasse com um monstro. Ora a luta dos dois é um bailado de cuja qualidade e execução — bem como do comentário musical — depende, principalmente, o efeito deste prólogo: bailado simul-

tâneamente hierático, feroz e grotesco, simbólico da luta de Jacob e o Anjo. Os movimentos e atitudes do Rei são simples, pesados, espessos, gauches, podendo, certamente, ser executados pelo próprio actor que no decorrer do poema desempenhe o papel de Rei; ao passo que os do Anjo se multiplicam executados com toda a naturalidade, convindo, pois, sejam executados por um verdadeiro bailarino. A nota de ferocidade do bailado deve ser dada tanto pelo Rei como pelo Anjo; mas o Rei dá-la-á aliada ao grotesco e à impotência; o Anjo à ironia e à sublimidade. Para o fim do bailado, o Anjo dominou completamente o Rei: Ajoelhou-o a seus pés, e tem-lhe a garganta apertada nas mãos ambas. Trá-lo assim, de rastos, até à boca de cena. A música pára, não acabada mas inoportunamente interrompida. O Anjo tem o Rei a seus pés, aperta-lhe o pescoço nas mãos, e estão ambos de perfil para o público. O Anjo levanta a cabeça muito devagar, até ficar com ela inteiramente voltada para cima. Não deixa, porém, de subjugar o Rei, que se esforça por libertar-se. Há uma pancada, agora violentíssima, na bateria, apagam-se todas as luzes no palco e na sala. Rompe imediatamente, a plenas vozes, um coro entoando os primeiros compassos dum hino religioso; o qual também é abruptamente interrompido, e no mesmo instante se acende a luz sobre o cenário que já conhecemos.

Aqui termina o
P R Ó L O G O
e c o m e ç a o

PRIMEIRO ACTO

Acende-se, pois, a luz sobre o cenário já conhecido: quarto de dormir do Rei, no palácio. Mas já não é durante a noite. A cena está agora inundada de claridade. Além do leito há duas largas cadeiras, uma de cada lado, e roupa amontoada no chão. O Anjo desapareceu. O Rei arremessa-se do leito mal começa o acto.

REI

grita com grande terror, como no Prólogo:

— Socorro !...

A porta abre-se para fora. Dois Guardas aparecem, afastando violentamente as duas bandas de reposteiro penduradas diante dela. Trazem na mão uma espécie de alfange levantado. Surgem com um ar de bonecos de mola que saltam. O seu aspecto é feroz, e ao mesmo tempo cómico pela mecanização de todos os gestos e atitudes: atitudes e gestos antes de bonecos de corda que de gente viva.

O Rei corre para eles; mas, voltando-se de repente, vê a janela sem ninguém. Passa então os olhos por todo o quarto, procura recuperar o domínio de si, compõe-se, endireita-se, vem até boca de cena, olha desdenhoso, pomposo, severo, para os dois Guardas de alfange erguido.

REI

— Que quereis? Alguém vos chamou?

Silêncio dos Guardas. Baixam o braço com o alfange.

REI

— Sois mudos, ou surdos? É preciso puxar-vos a língua, ou rasgar-vos as orelhas? Não vos perguntei o que querieis? Falo convosco, imbecis!

Os Guardas hesitam, consultam-se rapidamente com o olhar. Um deles avança três passos, perfila-se mais, fala com a voz trémula.

PRIMEIRO GUARDA

— Fostes vós que gritastes, senhor. Nós somos os vossos humílimos guardas... *(recua três passos, voltando à primeira posição).*

REI

— Eu gritei? Já sei! gritei. Tive um pesadelo horrível. Acordei sobressaltado. Como sois pron-

tos em acudir-me... quando se trata de sonhos! Mas sereis os primeiros a entregar-me, quando amanhã os meus inimigos vierem buscar a minha vida. Talvez sejais vós próprios os meus assassinos... Odiais-me muito, não é verdade? (*silêncio dos Guardas*) Falo convosco, imbecis! não vedes que falo convosco?

PRIMEIRO GUARDA

*avança outra vez três passos;
fala sempre com voz trémula;
continua a nada perder da sua
correcção.*

— Nós somos os vossos humílimos guardas, senhor. Nada no mundo nos pagaria a vossa preciosíssima existência... (*recua três passos*).

REI

— Retirai-vos! Não posso suportar o vosso servilismo e a vossa hipocrisia.

Os Guardas desaparecem atrás do reposteiro. O Rei está de costas para a janela. Não vê, pois, que o busto do Bobo assomou ao peitoril.

BOBO

— Bom dia, rei de baralho de cartas!

*volta-se de repente, solta o
mesmo grito de intenso terror:*

— Socorro !...

Ninguém aparece à porta. O Bobo senta-se no peitoril: as pernas bamboleantes, os braços abertos, as mãos nas ombreiras da janela. Veste qualquer traje inspirado nos dos bobos medievais; mas tem, dos pulsos aos flancos, as mesmas asas-barbatanas do Anjo, que abrem e fecham conforme ele ergue ou deixa cair os braços. As do Anjo eram brancas; estas são da cor do fato.

BOBO

— Por que gritas? Se eu te quisesse matar, não te haveria poupado há pouco: Tive o teu real pescoço nas minhas mãos, não é verdade?

REI

— Socorro !... *(vai recuando para a porta, meio curvado, e sem poder desfilar o Bobo. De repente volta-se, atira-se contra o reposteiro com o mesmo grito de aflição)* Socorro !...

O Bobo desaparece. Reaparecem os dois Guardas com o seu alfange desembainhado.

— Prendam-no ! Agarrem-no ! Quis estrangular-me esta noite... É um demónio evocado pelos bruxos meus inimigos... Mas onde estáveis? Que guardas sois vós? Fartei-me de gritar! Nunca vindes quando é preciso. *(repara que não está ninguém na janela; fica desorientado. Os Guardas embainharam os seus alfanges. Estão direitos e imóveis como estátuas. Então hesita, procura serenar, ataranta-se, disfarça, endireita-se, vem até à frente, volta-se de lado para os Guardas, fala com superioridade e sarcasmo)* Haveis de ser sempre os mesmos imbecis! Acusava-vos não há um minuto de só virdes em se tratando de sonhos. Lembro-me de experimentar-vos: sonho outra vez: cá estais outra vez! e com o vosso cutelo em punho, com a vossa repugnante cabeça de cães... Tudo para me fazerdes crer que prezais muito a minha vida. Imbecis! Como se alguém pudesse prezar uma vida que o seu próprio dono acha odiosa! Como se os escravos pudessem amar um tirano como eu, caprichoso como eu, cruel como eu! Ide-vos! Não posso suportar a vossa grosseira dissimulação. Mas disse-me: por que sois vós tão cobardes? tão indecisos? Não compreendo como ainda não entrastes na minha câmara, enquanto eu dormia, e me não assassinastes... Certo é que raras vezes consigo dormir, agora; nem sequer deitar-me. Mas podíeis espiar o meu sono da madrugada; esperar ocasião. E ainda podíeis fugir com parte dos meus tesoiros... Sois muito imbecis! Nada mais fácil do que a vossa fuga. Ninguém ousaria

opor-se aos guardas da suprema confiança de El-Rei (*ligeira pausa. Silêncio e imobilidade dos Guardas*) Nem sei porque vos digo estas coisas imprudentes. Oh, há uns tempos que não ando bem! E ouvis, ao menos, o que digo, imbecis? entendeis, ao menos, o que digo?

PRIMEIRO GUARDA

*avança outra vez três passos;
fala com a mesma voz trémula;
mantém a mesma rigidez.*

— Nós somos os vossos humílimos guardas, senhor. Vossa Majestade acordou hoje bem humorado: apraz-lhe brincar com os seus humílimos guardas e indignos servos. Mas o nosso dever é acudir sempre que ouçamos chamar Vossa Majestade. Perdoai a estreiteza da nossa inteligência: não há meio de sabermos quando Vossa Majestade brinca ou realmente chama. E podia suceder que a preciosíssima vida de Vossa Majestade corresse algum risco...

REI

— Saí da minha vista!

O Guarda que falou recua três passos e põe-se a par do outro. Desandam ambos, desaparecem atrás do reposteiro. O Rei passeia, agitado, a toda a largura da cena. Vai à janela, espreita

primeiro a medo, depois debruça-se para fora. O Bobo sai àgilmente de baixo do leito, põe-se de pé.

BOBO

— Estou aqui, rei de baralho de cartas!

REI

volta-se repentinamente, com os braços no ar, uma expressão de loucura, e o mesmo grito:

— Socorro!...

BOBO

— Inútil gritar. Os teus guardas julgarão que continuas a experimentar a sua inteligência. És pouco previdente, rei.

REI

— Socorro!...

Procura trepar à janela; mas tão embaraçadamente, que rola no chão. Assim fica todo encolhido contra o muro, sem tirar os olhos do Bobo. Este avança devagar para ele, agarra-o pelo pescoço, trá-lo de vastos até boca de cena, como o Anjo no Prólogo. Larga-o aí.

BOBO

— Queres que vá eu próprio chamar os teus guardas?

REI

— Socorro !...

BOBO

vai à porta, segura no repositiro, chama para dentro:

— Eh !, gente de El-Rei !

A porta abre-se imediatamente, reaparecem os dois Guardas com o seu alfange no ar. O Bobo perfila-se no meio deles e espera. O Rei levanta-se e lança-se pela porta aberta.

A VOZ DO REI

no corredor:

— Socorro ! Socorro !

Sente-se crescer um tumulto, enquanto o Bobo espera entre os dois Guardas. Vozearia fora. O Bobo e os Guardas chegam-se um pouco ao lado. O Rei entra seguido de soldados, criados, cortesãos. Vêm também o Generalíssimo e o Físico do Paço. Têm ares imponentes e vestem mais ricamente que todos os outros.

REI

dirige-se aos Guardas que la-deiam o Bobo. Os seus ares, gestos e atitudes são outra vez seguros, autoritários, sobranceiros.

— Fiz a última experiência. Inútil ! Haveis de ser sempre os mesmíssimos imbecis. Mas

imbecis, ou pérfidos? Vindes quando é supérflua a vossa vinda. Só não ouvís quando verdadeiramente grito; quando a minha vida corre o maior dos perigos ao lado da vossa indiferença... Imbecis ou pérfidos? Ides ser açoitados na praça pública. Não! Ides ser condenados à morte.

BOBO

avança dois passos, dobra um joelho em terra.

— Perdão, real senhor: a tua indispensável existência não corria o mínimo dos perigos na presença do mais dedicado dos teus servos. Lembra-te que fui eu quem chamou contra si próprio, e simplesmente para sossegar a tua excitação, estes pobres idiotas que não viriam se não ouvissem qualquer voz estranha...

REI

— Cala-te! Breve ajustaremos contas. Não falo agora contigo.

O Bobo levanta-se, vai novamente perfilar-se entre os Guardas. Então o Primeiro Guarda avança outra vez três passos, cai de joelhos em terra aos pés do Rei.

PRIMEIRO GUARDA

— Piedade, senhor! Mandai açoitar-me! A vossa cólera é justa. Mandai açoitar-me! Cin-

quenta açoites, cem açoites, na praça pública. Mas poupai a minha vida ! Não é por mim. Sabeis que tenho três filhos pequenos. Lembrai-vos, senhor ! Quisestes que os trouxesse à vossa real presença... Sabeis que por estes dias nascerá outro. Tivestes a imensa benignidade de vos oferecerdes para padrinho... Ninguém tem o vosso coração, senhor: ninguém mostra tanta bondade aos seus criados...

REI

— Espera lá. (*grita para os lados*) Traçam-me onde me sente; não vedes o vosso rei de pé? Dêem-me o meu casaco de peles ! Isto não é trajo com que se condene à morte. E calcem-me uns sapatos; não vedes o vosso rei descalço? O que vos vale é eu estar bem disposto.

Um criado vai imediatamente buscar uma das cadeiras; outro uns borzeguins que devem estar debaixo do leito; outro um longo casaco de peles que procura entre a roupa amontoada no chão. O Rei enfia o casaco, senta-se, acomoda-se molemente na larga cadeira, estende as pernas a outro criado que lhe calça os borzeguins. Os restantes criados, os soldados, os cortesãos, espalharam-se pela cena. Alguns postaram-se ao fundo; outros formam pequenos grupos. O Generalíssimo está à direita da cadeira do Rei, o Físico à esquerda. O Rei dirige-se então ao Primeiro Guarda, que não mudou de posição.

REI

— Pronto. Podes continuar.

PRIMEIRO GUARDA

— Piedade, senhor! Mandai açoitar-me. A vossa cólera é justa. Mandai açoitar-me! Cinquenta açoites, cem açoites, na praça pública. Mas poupai a minha vida! Não é por mim. Sabeis que tenho três filhos pequenos. Lembrai-vos, senhor! Quisestes que os trouxesse à vossa real presença...

REI

— Estás a repetir o que já disseste. Não sabes dizer senão isso?

PRIMEIRO GUARDA

— Senhor, não sei dizer senão a pura verdade dos factos. Já não consigo exprimir o que sinto! Para vos bem servir, habituei-me a nada dizer do que sentisse. Quis até habituar-me a não sentir... (*rompe em soluços*).

REI

— Levanta-te! Perfila-te! Os meus guardas não se embaraçam com os filhos. Os meus guardas têm a maior alegria em dar a vida para aplacar a cólera do seu rei.